

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Popular Class.: 64

Data: 29/11/80 Pg.: \_\_\_\_\_

### UCG ajudará a pacificar os Uru-Wau-Wau

A Universidade Católica de Goiás, através do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, vai firmar acordo de cooperação técnica com a Funai para, através dele, enviar técnicos em questões indígenas para o Território Federal de Rondônia, onde crescem os conflitos entre silvícolas e brancos.

Com a assinatura desse acordo, o professor Mário Arruda da Costa, que durante quase todo este ano esteve no território dos índios Uru-Eu-Wau-Wau, vai treinar uma equipe que trabalhará inicialmente em áreas indígenas já pacificadas para, quando o contato com esses silvícolas for estabelecido, ser deslocada para a região onde a Funai desenvolve os trabalhos iniciais visando à pacificação.

PÁGINA 6

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 64

Data: 29/11/80

Pg.: \_\_\_\_\_

## <sup>190</sup> Pacificação dos Uru vai ter ajuda da UCG

A Universidade Católica de Goiás, através do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, vai firmar acordo de cooperação técnica com a Funai — Fundação Nacional do Índio — entre os dias primeiro e cinco de dezembro. Pelo convênio, a UCG enviará técnicos em questões indígenas para o Território Federal de Rondônia, onde crescem os conflitos entre silvícolas e brancos.

Com a assinatura desse acordo, o professor Mário Arruda da Costa, que durante quase todo este ano — a partir de 31 de janeiro — esteve no território dos Uru-Eu-Wau-Wau, ou bocas negras, fazendo pesquisas e filmagens, vai treinar uma equipe que trabalhará inicialmente em áreas indígenas já pacificadas para, quando o contato com os Uru-Eu-Wau-Wau for estabelecido, ser deslocada para a região de Alta Lídia, município de Ariquemes (RO), onde a Funai desenvolve os trabalhos iniciais visando à pacificação desses silvícolas.

### TREINAMENTO

Mário Arruda vai ministrar cursos de treinamento — mediante o convênio — até o dia 15 de janeiro, para estagiários em educação, enfermagem, psicologia, agronomia, medicina e serviço social. Esses técnicos — cujo número ainda não está fixado, pois isso depende dos recursos a serem colocados à disposição — irão, ainda em janeiro, para diversas áreas indígenas, nas quais o silvícola já mantém contatos amistosos com os brancos. Depois serão deslocados para o posto da Funai em Alta Lídia, assim que os primeiros contatos com os bocas negras tiverem sido feitos. Ali, eles participarão das pesquisas do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da UCG, comandadas pelo professor Mário Arruda, sobre índios ainda não envolvidos pela civilização e relativas ao processo de aproximação com eles.

O professor Mário Arruda, como parte desse projeto, já começou as filmagens de um documentário que só estará pronto dentro de no mínimo três anos. O filme é sobre os Uru-Eu-Wau-Wau, que ainda não foram filmados. Apenas objetos utilizados por eles, como arcos, flechas, e alguns que retiraram dos seringueiros e garimpeiros da região — panelas, facões, machados etc. As câmeras de filmagens ainda não puderam ser focalizadas nos bocas-negras para não deixá-los ainda mais inamistosos, pois eles têm medo de tudo o que não conhecem, como máquinas fotográficas e de filmagens, pilhas elétricas, — mesmo encontradas no chão perto dos ranchos — e outros objetos da civilização moderna. Esses silvícolas são muito supersticiosos, informou o professor Mário Arruda.

### COMEÇO DA LUTA

Os Uru-Eu-Wau-Wau provavelmente não fossem tão agressivos há muito tempo como hoje. Acontece que adquiriram o costume de retirar os objetos utilizados pelos seringueiros e garimpeiros — utensílios de cozinha, facões, machados etc — quando estes saíam para o trabalho, deixando os seus ranchos abandonados. E, assim, era só os brancos saírem, deixando os objetos desprotegidos, que os bocas-negras apanhavam escondido. Então, os garimpeiros, seringueiros e mesmo seringalistas começaram a organizar expedições de 20 a 30 homens para matar esses índios, em represália. Como eles acham que têm o direito de pegar os objetos e não ser atacados, pois consideram os brancos invasores do seu território, passaram a revidar os ataques para expulsar os intrusos. Com isso se estabeleceu, em círculo vicioso, um regime de extrema agressão entre as duas partes. Os indígenas matam os brancos, porque estes invadem suas áreas, a fim de explorar as riquezas nelas existentes. Por sua vez, os brancos seringueiros, seringalistas e garimpeiros replicam a ação aborígine, por considerarem estar em seus direitos, pois acham que o território reivindicado pelos silvícolas não são deles. Desse modo, tem-se informações de inúmeros ataques mortais de parte a parte. Os Uru-Eu-Wau-Wau fizeram ataques nas cabeceiras dos rios Cautário e Pakaás-Novos. Uma dessas investidas aconteceu em outubro de 1977, no seringal São Luís, no alto rio Pakaás-Novos. Ali, em 14 de outubro de 1977, os

bocas-negras desfecharam um de seus ataques mais fatais, eliminando uma família. Eles mataram a flechada Maria Rosa da Conceição, de 37 anos, e feriram o menino Jpsamar Ferreira Maia, o "Jorginho", de dois anos, que foi este ano localizado pela equipe do professor Mário Arruda em Guajará Mirim. Os Uru-Eu-Wau-Wau atacaram, também, a família Prestes, que teve dois filhos mortos e um, capturado (Fábio Prestes Rodas, de 6 anos).

### EXPEDIÇÕES

Mas os bocas negras sofreram considerável número de ataques de expedições punitivas dos brancos, principalmente nas décadas de 40 e 60, quando um seringueiro, conhecido apenas por Alfredo, capturou uma menina Uru-Eu-Wau-Wau, com quem vive hoje. "Sabe-se também, de duas outras expedições punitivas que partiram do Alto Cautário (rio), nos anos de 1977 e 1978. No final de 1979 partiu uma expedição punitiva de Ariquemes, subindo o rio Jamari", revelou o professor Mário Arruda. Foram realizados ataques punitivos contra as bocas negras e os índios Uru-Im-um grupo de Pakaás-Novos — em 1967. "Nessa época, um índio Pakaás-Novo — tribo inimiga dos Uru-Eu-Wau-Wau — chamado Matiamá, liderando um grupo de seringueiros, emboscou e aprisionou oito bocas-negras. Na viagem de volta houve um cochilo por parte de Matiamá e seu grupo. Então, cinco bocas-negras se libertaram. Houve luta a facção, durante a qual a orgulhosa cabeleira de Matiamá foi-lhe arrancada. Matiamá chegou ferido, com apenas três prisioneiros", conta o professor. "Mais tarde, o índio Temedói resolveu vingar seu irmão Matiamá. Foi municiado pelos seringueiros. Temedói atacou a aldeia dos Uru-Eu-Wau-Wau, aprisionando 28 deles; na maioria mulheres e crianças. As mulheres foram distribuídas entre os seringueiros locais. Sabe-se que seis meses depois muitos morreram, num surto de sarampo, mas a maioria fugiu de volta à tribo", prossegue.

### JORGINHO

O menino Josemar Ferreira Maia foi localizado pelo professor Mário Arruda, e a Funai vivendo em Guajará Mirim. "A equipe chegou exausta a Guajará Mirim, porém feliz, porque estava viva", diz o professor. Isso, tendo em vista que a viagem foi feita, em suas duas últimas horas, "em situações dramáticas, uma vez que quando escureceu a equipe se encontrava na foz do rio Pakaás-Novos com o rio Guaporé, um rio cheio de troncos e moitas de capim flutuantes. A única luz de que se dispunha era de duas lanternas pertencentes a dois elementos".

"Pela manhã do dia 10 de março último, iniciou-se a busca, em Guajará Mirim, em dois sentidos: um grupo buscava Josemar Ferreira Maia, o "Jorginho", que sobrevivera às flechadas dos Uru-Eu-Wau-Wau, no seringal São Luís, e outro procurava Suzana, uma índia boca-negra, do seringal Cautário", explica Mário Arruda.

"Pela tarde, já se havia localizado Josemar Ferreira Maia, o "Jorginho". Dal em diante, o trabalho foi de paciência. Fazer amizade com Jorginho e prepará-lo para uma filmagem no dia seguinte, o que se conseguiu com certa facilidade, depois de ter-lhe comprado um carrinho de brinquedo e ir brincar com ele na praça. Descobriu-se, então, que Jorginho, filho de mãe solteira, criado pela avó que havia sido morta pelos Uru-Eu-Wau-Wau, até essa idade (tinha agora cinco anos e quatro meses), nunca havia ganhado um presente e nenhum adulto tinha brincado na praça da cidade com ele".

A noite, por volta das 21 horas do dia 10 de março, "quando o menino, que andava na companhia da equipe, desceu uma ruazinha suja e enlameada na periferia de Guajará Mirim, e apontando o dedinho na direção de uma casa de madeira, iluminada a lamparina, falou assim":

— Ali mora Rosinha, a índia. A mãe dela estava aí, mas já viajou para Porto Alegre:

No dia seguinte, "encontrou-se Rosinha", mas ela não foi capaz de "falar uma só palavra a respeito de seu grupo". Dessa forma, as dúvidas contiam. Rosinha a última dos Cautários? Será ela a 'radeira índia da grande nação Urupá?